



Mário Abrantes

Um importante atual

Para que se eleve urgentemente, e enquanto é tempo, o nível de alerta sobre as potenciais consequências negativas para os Açores, e para quem reside nesta ilhas, da privatização da SATA Internacional (Azores Airlines), bastariam as experiências até à data tidas com os processos lançados para privatizar a TAP e a SATA, tanto da parte dos governos PS como do PSD, mas também o processo (finalizado) da privatização da ANA-EP a favor da francesa Vinci, que se veio a revelar altamente lesivo do Estado, dos interesses dos portugueses e dos seus cofres públicos, de acordo com a denúncia pública do Tribunal de Contas em janeiro deste ano.

De facto, o Tribunal de Contas demonstrou neste relatório como mais de vinte mil milhões foram desviados do erário público para os bolsos dos acionistas da Vinci. Sim, vinte mil milhões de euros. O suficiente para regularizar as contas da TAP e da SATA e ainda para construir pelo menos um aeroporto internacional. E, no entanto, quase não se falou do assunto. Ninguém foi preso. O Chega não veio dizer que “é uma vergonha!”. Montenegro não propôs criar um grupo de trabalho para evitar o desperdício de recursos públicos. A comunicação social mostrou o quão dominada está ao fingir não ver o elefante na sala. O PCP propôs na Assembleia da República uma Comissão Parlamentar de Inquérito. Aqueles que anteriormente propuseram e exigiram o mesmo, por causa de uma indemnização de 500 mil euros – PSD, CH, IL - ignoraram agora um roubo 40000 vezes maior (sim, quarenta mil vezes maior). O relatório do TC expôs mesmo, para além da denúncia do vultoso roubo, a teia de cumplicidades necessária para que um roubo desta dimensão acontecesse. O conteúdo deste relatório deve ser lido. Está no site do Tribunal Constitucional...

É UMA DESCOMUNAL VERGONHA, SIM SENHORES!

Tornam-se evidentes assim, neste momento, factos e realidades nada desprezíveis que retiram atualidade e adequação útil a algumas premissas do plano de reestruturação da SATA que foi aprovado em junho de 2022 e que se encontra

atualmente em execução. Estes factos e estas realidades legitimamente impõem aos responsáveis e às diversas forças políticas com intervenção na Região, no País e na União Europeia (uma excelente oportunidade para testar a capacidade de intervenção dos deputados ditos dos Açores no Parlamento Europeu) o empenho no estabelecimento de mudanças de rumo no processo de reestruturação da SATA, visando a salvaguarda do interesse dos Açores, dos açorianos, e também do interesse nacional.



Mas, com a expressão mais cândida deste mundo, parecendo que nada do que atrás foi relatado (e que o seu governo bem conhece) jamais tenha acontecido, importasse para o que quer que fosse, ou servisse de lição política para alguém, a sra. Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas, do governo de Bolieiro e das direitas coligadas, com apoio do Chega e IL, veio anunciar a composição do novo Conselho de Administração da SATA e a intenção de, com ele, manter inalterável a estratégia já definida de reestruturação da SATA (uma proposta descuidada dos Açores, com o acolhimento da União Europeia), que inclui a privatização da SATA Internacional.

Com essa disposição definida à partida, o anúncio simultâneo feito pela sra. Secretária da criação do chamado “Conselho Estratégico do Grupo SATA”, parece estar antecipadamente comprometido e desvirtuado, de pouco servindo para o futuro senão para criar mais uns lugares que venham reconfirmar que na nossa casa, afinal não mandamos (nem queremos mandar) nada ...



Tomás Quental Mota Vieira

A verdade histórica acaba sempre por se impor

O coronel Vasco Lourenço vem desde há muito a assumir atitudes um pouco estranhas, num protagonismo exagerado e em alguns aspectos contrariando a verdade histórica.

Em primeiro lugar, ele apresenta-se como quase “dono” da Revolução de 25 de Abril de 1974, desvalorizando, por vezes, a intervenção de camaradas militares. Ele é sempre o “maior”, o que não corresponde aos factos.

É verdade que ele participou em reuniões preparatórias do golpe militar, mas encontrava-se colocado no Quartel-General de São Brás, em Ponta Delgada, no dia 25 de Abril de 1974, pelo que não participou, de modo algum, nas operações militares que conduziram ao derrube da ditadura. No entanto, ele fala como se tivesse orientado as tropas no terreno. Não orientou e ainda bem que não orientou, porque talvez o resultado tivesse sido negativo...As honras cabem aqui ao grande capitão Salgueiro Maia.

Depois fala do movimento militar de 25 de Novembro de 1975, que desenvolveu a pureza inicial de ideias e ideais ao processo revolucionário. E fala para se declarar como principal rosto desse movimento militar, que de facto apoiou, mas também não foi o mais destacado protagonista operacional. Foi o general Ramalho Eanes quem orientou as forças militares naquele dia, como todas as imagens mostram e documentam.

O chamado “Grupo dos Nove”, que esteve na origem do movimento militar de 25 de Novembro de 1975, teve como ideólogo o coronel Ernesto Melo Antunes, que também já tinha sido o ideólogo do Movimento das Forças Armadas e, por consequência, da Revolução de 25 de Abril de 1974. O coronel Otel Saraiva de Carvalho elaborou o plano operacional. É opinião geral que Melo Antunes era o militar mais culto e com maior preparação intelectual de todos os que participaram no golpe de Estado. Vasco Lourenço não é um homem culto. Basta ver como se expressa nas entrevistas à comunicação social...

O coronel Vasco Lourenço criou com outros militares a Associação 25 de Abril. Até aqui tudo bem. O problema é que ele aos poucos transformou a Associação 25 de Abril num palco de protagonismo pessoal exagerado: ele e a Associação 25 de Abril parecem a mesma e a única coisa...Os outros militares de Abril parecem não existir ou não terem existido.

Vasco Lourenço tem feito declarações infelizes sobre outros militares que participaram na Revolução de 25 de Abril de 1974, nomeadamente sobre o general António Ramalho Eanes. Além de ser uma deselegância, é uma grande injustiça. Ramalho Eanes teve a coragem de se apresentar a sufrágio eleitoral por duas vezes, alcançando a Presidência da República. Os seus dois mandatos foram marcados pelo equilíbrio, pela ponderação, pela honestidade e pela dignidade. Vasco Lourenço nunca foi legitimado eleitoralmente. Teve o bom-senso de nunca se candidatar a qualquer cargo político...

Em conclusão: Vasco Lourenço tem, obviamente, um lugar na história da democracia portuguesa, mas não o lugar de enorme relevo que julga ter. Ele deveria ser mais humilde.

Por último, é preciso realçar que o movimento militar de 25 de Novembro de 1975 não foi de direita: foi, sim, protagonizado por militares conotados ou próximos da esquerda moderada e que já tinham participado na Revolução de 25 de Abril de 1974. O movimento militar de 25 de Novembro de 1975 não foi, nem de perto nem de longe, um “28 de Maio de 1926”, revolução que pôs termo à I República em Portugal e abriu caminho para um longo regime ditatorial.

Subverter a verdade histórica é um erro que nunca resulta, porque mais cedo ou mais tarde a verdade histórica acaba sempre por se impor. Não sou historiador. Os elementos históricos aqui referenciados são todos públicos. Apenas pretendi lembrar o que não pode ser desvirtuado.